

| **Recensões** |

SETTON, Maria da Graça Jacintho (org.) (2017), *Mérito, desigualdades e diferenças: cenários da (in)justiça escolar Brasil e Portugal*. São Paulo, Annablume Editora, 206 p.

Bruno Dionísio

CICS.NOVA, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas (FCSH/NOVA)

Este livro organizado por Maria da Graça Jacintho Setton apresenta nove textos, cinco de autores portugueses (Leonor Lima Torres, José Manuel Resende, João Sebastião, Susana da Cruz Martins, Sandra Mateus) e quatro de autores brasileiros (Ione Ribeiro Valle, Sandra Zákia Sousa & Mariane C. Koslinski, Rodrigo Ednilson de Jesus, Maria Teresa Gonzaga Alves), que são uma montra (parcial) das palestras proferidas em São Paulo, em 2016, na quinta edição do Colóquio Luso-Brasileiro de Sociologia da Educação. Esta coletânea não é, nem pretende ser, um retrato fiel da produção em sociologia da educação que está sendo feita nos dois lados do

atlântico, mas ela permite-nos captar algumas prioridades de agenda, de objetos e enfoques, de opções metodológicas, de caminhos saturados ou trilhos por desbravar.

Animados por uma temática comum – mapear cenários de (in)justiça escolar através da tríade “mérito, desigualdades e diferenças” – os textos apresentam *nuances* que os afastam ou aproximam, e que são dignas de nota.

Excetuando dois textos exclusivamente sustentados por metodologias qualitativas (Resende; Jesus), predomina um enfoque macro (estrutural) alicerçado em metodologias quantitativas que se socorrem de dados estatísticos

recolhidos ora de fontes oficiais ora de projetos de pesquisa originais, mitigados ocasionalmente por ilustrações empíricas trazidas de entrevistas. Na senda de medir o pulso à (re) produção das desigualdades, os autores revelam um manuseamento sofisticado das técnicas estatísticas e das grandes bases de dados, esmiuçando finamente relações entre dados, variáveis e indicadores, comparando realidades sob a égide de diferentes escalas. De um prisma transnacional de comparação, entre países da Europa do Sul (Sebastião) ou entre Portugal e Brasil (Martins), a um enfoque nacional ou regional (Valle, Sousa & Koslinski, Alves), denuncia-se a persistência de sistemas educativos piramidais (Valle), o impacto de crises económico-financeiras ou o viés ideológico de políticas públicas que amortecem ou fortalecem a equidade e as desigualdades socioeducativas (Sebastião, Martins). Escalpelizando dados e ferramentas estatísticas, os textos

esclarecem velhas e novas dimensões do desempenho dos sistemas educativos, das suas geometrias variáveis (a desigual ineficácia de professores, estabelecimentos, municípios, estados, ...) e dos marcadores de (des) vantagem que operam, estrutural e contextualmente, com diversas tonalidades e intensidades (cor, género, origem nacional, étnica, de classe, ...).

A qualidade dos textos não se esgota nesta grande e complexa fotografia do mundo educativo. Eles apresentam pistas epistemológicas promissoras. Valle reconhece que a miríade de fatores que se imbricam na produção de percursos desiguais obriga a uma composição das figuras da injustiça escolar que seja capaz de cruzar níveis micro, meso e macro (p.31); na mesma sintonia está Torres quando privilegia uma metodologia pluriescalar numa tentativa de «decifrar os mapas de significação e de interpretação dos vários níveis de análise» (p. 50); Resende explicita outros matizes

capazes de perscrutar as faces, disfarces e efeitos das desigualdades escolares quando «nem sempre a certeza da boa medida aparece em cima da mesa através da folha de excel» (p. 69); Jesus destaca quadros relacionais e situacionais racializados, que produzem atos de estereotipização, invisibilização e silenciamento de (micro) discriminações que (macro) desigualam; Mateus defende o ensaio de novas lentes que articulem a análise estruturalista com a experiência subjetiva, auscultando o significado sociológico dos contextos em que os marcadores de diferença se tornam (des) vantajosos ou funcionam subjetivamente como marcadores de resistência (p. 189). Todas estas pistas apontam para o desafio sociológico que Torres descreve como uma «acrobacia intelectual essencial à arte de entrelaçar as dimensões estruturais com as dimensões conjunturais» (p. 51).

Alves afirma que «a desigualdade é uma temática sociológica mas as

teorias do campo têm tido menos sucesso em oferecer explicações que orientem ações para reduzir as desigualdades» (p. 137). Talvez parte da resposta a este relativo fracasso da sociologia possa ser encontrada num indício que a mesma autora fornece antes: «a sociedade parece conviver naturalmente com a desigualdade» (p. 136). E vários outros textos fornecem mais indícios que desafiam os seus autores e a “sociologia luso-brasileira da educação” a desbravar (novos) trilhos para a interpretação das desigualdades: Martins aflora a ideia das estratégias familiares que concorrem com a “bondade” das políticas públicas; Sousa & Koslinski frisam o “gaming” e as táticas que os atores usam para “fintar” o sistema educativo; Jesus dá voz ao silêncio cirúrgico da escola ante cenas de discriminação; Resende convida a um olhar atento sobre as condições de acolhimento, hospitalidade e habitabilidade no espaço escolar e o que elas nos

dizem sobre as desigualdades e a justiça; Torres interroga-se sobre o desaparecimento da origem sociocultural como fator explicativo do sucesso académico, no discurso dos estudantes.

Se «os objetos de estudo se transformam e deformam sob o efeito de variação focal da objetiva» (Torres, p. 51), as brechas que os textos deixam entrever sugerem a necessidade de uma aliança futura mais profícua entre uma visão de lince e o sobrevoos de falcão que a “big picture” nos oferece, focando cenários de injustiça escolar dentro mas também para além da esfera da desigualdade.

Valerá a pena seguir os autores deste livro e os rumos que as suas pesquisas tomarão a partir das pistas levantadas nos textos, pugnando pela preservação destas trocas luso-brasileiras e pela vivacidade das publicações que delas têm resultado.